

XXXIII

VIVEREMOS SEMPRE

Filho, não humilhes os ignorantes e os fracos.

Todos somos viajores da vida eterna.

Do berço ao túmulo atravessamos apenas um ato do imenso drama de nossa evolução para Deus.

Por vezes, o senhor veste o traje pobre do operário humilde para conhecer-lhe as duras necessidades, e o operário humilde veste o suntuoso traje do senhor para conhecer-lhe as duras obrigações na tarefa administrativa.

Quando um homem menospreza as oportunidades de tempo e dinheiro que o Céu lhe confia, volta ao mundo em outro corpo, experimentando a escassez de tudo.

Não escarneças do aleijado. Tua boca poderá cobrir-se de cicatrizes.

Não recolhas os bens que te não pertencem. Teus braços são suscetíveis de caírem paralíticos, sem que possas acariciar o que é teu, provisoriamente.

Não caminhes ao encontro do mal, porque o mal dispõe de recursos para surpreender-te, talvez com a perturbação e com a morte.

Ajuda e passa adiante, expandindo um coração compassivo para com todas as dores e cheio de amor e perdão para todas as ofensas.

Quando não puderes louvar, cala-te e espera, porque a língua viciada na definição dos defeitos alheios regressa ao mundo em plena mudez.

Quem chega através de um berço risonho, na maioria dos casos é alguém que torna ao campo da carne, a fim de restaurar-se e aprender.

Assim como a flor se destina ao fruto que alimenta, o teu conhecimento deve produzir a bondade que constrói e santifica.

Lembra-te de que longo é o caminho e que necessitaremos trocar de corpo, na direção da vitória final, tantas vezes quantas forem precisas, até que a indispensabilidade da vestimenta física se desvaneça com as encarnações sucessivas...

Colheremos da sementeira que fizermos.

Não desprezes, assim, os menos felizes.

O malfeitor e o vagabundo que se deixaram escravizar pelos demônios da preguiça são igualmente nossos irmãos. Ajudemo-los, através de todos os meios ao nosso alcance.

Nem sempre o verdadeiro infortunado é aquele que se debate num leito de sofrimento. Não olvides o infeliz bem trajado que cruza as avenidas da ignorância, sem paz e sem luz.

Filho meu, voltaremos ainda à Terra, provavelmente, muitas vezes...

O serviço de redenção assim o exige.

Ama a todos.

Auxilia indistintamente.

Semeia o bem, à margem de todas as estradas.

Recorreremos ao amparo de muitos. E' da

Lei do Senhor que não avancemos sem os braços
fraternos uns dos outros.

Prepara, desde agora, a colaboração de que
necessitarás, a fim de prosseguirmos, em paz,
montanha acima! Sê irmão de todos, para que
te sintas, desde hoje, no centro da grande família
humana, e o Senhor Supremo te abençoará.

XXXIV

A GALINHA AFETUOSA

Gentil galinha, cheia de instintos maternais,
encontrou um ovo de regular tamanho e espal-
mou as asas sobre ele, aquecendo-o carinhosa-
mente. De quando em quando, bejava-o, enter-
necida. Se saía a buscar alimento, voltava apres-
sada, para que lhe não faltasse calor vitalizante.
E pensava, garbosa: — "Será meu pintainho!
será meu filho!"

Em formosa manhã de céu claro, notou que
o filhotinho aparecia, robusto.

Criou-o, com todos os cuidados. No entanto,
em dourado crepúsculo de verão, viu-o fugir
pelas águas de um lago, sobre as quais deslizava
contente. Chamou-o, como louca, mas não obteve
resposta. O bichinho era um pato arisco e fujão.

A galinha, desalentada por haver chocado
um ovo que lhe não pertencia à família, voltou
muito triste, ao velho poleiro; todavia, decorrido
algum tempo e encontrando outro ovo, repetiu a
experiência.

Nova criaturinha frágil veio à luz. Pro-
tegeu-a, com ternura, dedicou-se ao filho com
todas as forças, mas, em breve, reparou que não
era um pintainho qual fora, ela mesma, na in-
fância. Tratava-se dum corvo esperto que a
deixou em doloroso abatimento, voando a pleno
céu, para juntar-se aos escuros bandos de aves
iguais a ele.